



# O BEIJO DE JUDAS

## THE KISS OF JUDAS

---

Vera Lúcia Oliveira

*Vera Lúcia de Oliveira é graduada em Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela Universidade de Brasília - UnB, onde também se especializou em Literatura Brasileira. Especializou-se ainda em Teoria Psicanalítica no Uni-CEUB. Tem se dedicado à escrita de artigos, resenhas e ensaios publicados em jornais de Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Ceará. É autora do livro O beijo da mãe e outros ensaios de Literatura e Psicanálise.*

### Resumo

Vera Lúcia de Oliveira é graduada em Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela Universidade de Brasília - UnB, onde também se especializou em Literatura Brasileira. Especializou-se ainda em Teoria Psicanalítica no UniCEUB. Tem se dedicado à escrita de artigos, resenhas e ensaios publicados em jornais de Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Ceará. É autora do livro O beijo da mãe e outros ensaios de Literatura e Psicanálise.

*Palavras-chaves: Duplo; Estranho; Romance fantástico; Literatura russa; Psicanálise.*

### Abstract

*This essay aims to make a connection between Literature and Psychoanalysis by using as corpus the romance O duplo from Dostoiévski, published in 1846. In this study, I used the Freud's concept of "strange", Lacan's concept of "the name of the father", and the fantastic genre in which the book is included, following the literary tradition of the first half of the nineteenth century.*

*Keywords: Double; Strange; Fantasy Novel; Russian Literature; Psychoanalysis.*

## DIZEM NA ÁFRICA: “TUDO É DOBRADO DE INVISÍVEL”

**Já pensou você cruzar com você mesmo numa rua ou numa esquina? Ou numa ponte em meio a forte bruma na noite branca de São Petersburgo? Ou, pior ainda, dar um beijo em seu próprio rosto? Isso é o que se passa em *O duplo*, de Dostoiévski, seu segundo romance, publicado em 1846, aos vinte e cinco anos, obra que dividiu a crítica russa com essa história desconcertante, provocando as mais diversas reações no público, por sua complexidade narrativa e experimentações estilísticas à frente do seu tempo, e levando o autor a uma grave crise nervosa, deixando-o doente de desgosto. E é sobre isso que vamos falar, sobre o fato estranho de alguém defrontar-se inesperadamente com a própria imagem.**

A ideia do homem duplicado, em si, não é nova, pois já vimos no *Banquete*, de Platão, a divertida fábula de Aristófanes sobre a origem do homem de forma redonda que, com duas faces opostas em uma só cabeça, quatro mãos e quatro pernas, e, com grande força e presunção, achou-se muito poderoso, voltando-se contra os deuses, sendo, assim, castigado por Zeus, partido ao meio, enfraquecido. Ficou, então, com uma cabeça, um rosto, dois braços e duas pernas. E, segundo essa cosmogonia de Aristófanes, ficou também procurando para sempre a sua metade perdida para se completar e restituir a forma original de perfeição da união primitiva.

Autores de várias épocas escreveram sobre esse tema, mas, para citar os mais célebres, começaremos pelo multitalentoso E. T. Hoffmann, alemão que viveu de 1776 a 1822, e destacou-se no sombrio romantismo de seu país com histórias sobrenaturais, de muita imaginação, influenciando – entre outros – Baudelaire, Guy de Maupassant, Edgar Allan Poe, Dostoiévski, Oscar Wilde e ainda o nosso Álvares de Azevedo com o genial *Macário*.

Essa literatura fantástica rompe com a ordem racional transgredindo os limites entre o material e o espiritual na busca de sentido, talvez, para a existência de um universo sem barreiras. Ou ligado pelo invisível, como elo de uma corrente misteriosa. Freud, em seu famoso estudo sobre “O estranho” (*Unheimlich*), faz uma análise penetrante do conto “O homem de areia”, de Hoffmann, história que, para ele, tem conteúdo inconsciente, não só do narrador, como também do autor, dada a sua infância difícil, sem a presença dos pais, sobretudo do pai, o que vale também para Allan Poe, que teve a infância marcada pela perda dos pais, pela insegurança e amargura, e que também nos aterroriza com suas estórias extraordinárias de

terror psicológico em estilo macabro, provocando no leitor aquele sentimento de *hesitação* perante a trama que, segundo Todorov, é o que caracteriza a literatura fantástica. Segundo esse crítico, o “quase acreditar” na estória resume o espírito do gênero; essa é também a opinião de E. Jentsch, cujas ideias sobre o estranho foram o ponto de partida de Freud para o seu estudo.

Que leitor de Poe nunca se impressionou ou compartilhou o horror de William Wilson ao ver-se duplicado no colega e perseguidor William Wilson? Perseguição do “eu” ao “eu mesmo” que, como veremos, é uma das características do duplo. Essa história inspirou o filme alemão “O estudante de Praga”, de 1913, dos diretores Paul Weneger e Stellan Rye. E o curioso jogo das influências segue adiante. Esse filme inspirou o grande psicanalista austríaco Otto Rank a investigar a figura do duplo, questão central da história. Em sua investigação abrangente, ele fez um estudo bastante detalhado do duplo na literatura, observando que certos autores ligam o duplo à sombra, outros à imagem no espelho, outros ainda a uma forma de alucinação. Mas o que chamou a atenção do psicanalista é que “sempre se trata de uma imagem idêntica à do protagonista, até nos mínimos traços, como nome, voz e indumentária.” E que esse duplo lhe atrapalha a vida. E o duplo de Borges no conto “O outro”? Sentados lado a lado num banco de jardim, o Borges velho dialoga com o Borges moço...

Freud trata do duplo como mais um fenômeno desses temas da estranheza: do sujeito “que se identifica de tal forma com outra pessoa que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self).” E, concordando com Nietzsche, diz ainda que há o retorno constante da mesma coisa, seja na repetição dos mesmos aspectos, das mesmas características, dos mesmos crimes e nomes, através das gerações que se sucedem. Para Freud, o tema do duplo foi abordado de forma muito completa pelo já citado Otto Rank (1914), “que fez também ligações do duplo com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte.” E considera que a ideia surpreendente de Rank é que, originalmente, “o duplo era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’; e, provavelmente, a alma imortal foi o primeiro ‘duplo’ do corpo.” A duplicação como defesa contra a extinção, diz Freud. Assim como os antigos egípcios desenvolveram a arte de fazer imagens do morto em materiais duradouros. Essas ideias, segundo Freud (1886),

brotaram do solo do amor-próprio ilimitado, do narcisismo primário que domina a mente da criança e do homem primitivo. Entretanto,

quando essa etapa está superada, o 'duplo' inverte o seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte. (p. 252)

É o que veremos em *O duplo*, de Dostoiévski.

## O DUPLO

***O duplo*, de Dostoiévski, apresenta já nas primeiras páginas índices importantes do que iremos encontrar adiante. A personagem Iákov Pietróvitich Goliádkin – que chamaremos daqui para frente apenas de Goliádkin – acordou de manhã e levou dois minutos até saber que estava realmente acordado. As paredes e os móveis do quarto “olhavam-no como se fossem rostos conhecidos”; assim, Goliádkin teve a certeza de que “não estava efetivamente em nenhum reino fantástico mas em São Petersburgo, na capital, na Rua Chestilanovnaia, no quarto andar numa grande casa, nos seus próprios aposentos.” Em seguida, olhou-se no espelho e ficou muito satisfeito com a própria imagem... Essa referência a um possível “reino fantástico”, à imagem no espelho vai somar-se a “fala” do samovar que fervia o chá e que disse a Goliádkin, “com o calor de sua estranha fala: - Estou pronto, meu amigo, tire-me daqui...” E Goliádkin está zangado com o servo Pietruchka, a quem acusa de ter-lhe vendido a alma por algum dinheiro. Vale ressaltar aqui o aspecto estranho de Pietruchka, com sua nova libré, que observa o patrão com extraordinária curiosidade.**

## UM LONGO DIA

**Assim, logo de manhã, Goliádkin sai para um passeio no coche alugado e fica incomodado quando se sente observado na rua. Fica aborrecido achando que um colega da repartição falou alto com ele, quando na verdade o sujeito apenas lhe apontou o dedo. Quando o chefe da repartição passa por ele em sua carruagem, ele fica muito perturbado e diz para si mesmo: “Não sou eu”. Resolve, de repente, interromper o passeio e ir visitar o seu médico, que o recebe de má vontade. Sempre inseguro e atrapalhado, Goliádkin não sabe como portar-se na casa do médico. Percebemos na conversa dos dois que Goliádkin é um homem solitário, pois o médico insiste em que ele deve mudar de vida, divertir-se, ver outras pessoas, ir ao teatro. Mas Goliádkin diz gostar de sua vida recolhida, sossegada. O**

**médico olhou-o desconfiado, “como se tivesse um mau pressentimento”. Depois de falar com segurança de sua pessoa, dizendo que era um homem simples, direto, sem afetação, de vida limpa, ocorre uma “estranha transformação” (...): “Os seus olhos cinzentos brilham então de maneira estranha; os lábios agitam-se, os músculos e os traços do rosto movem-se... O senhor Goliádkin treme.”**

Depois desatou a chorar. Quis falar, mas a palavra não saiu, tomado da sensação de desamparo e estranheza. Quando finalmente conseguiu se acalmar, disse ao médico que tinha inimigos terríveis que queriam liquidá-lo. O médico quis saber que inimigos eram esses. Não querendo dizer, apressou-se em sair. Mas não saiu. Ficou contando casos em que difamava uns e outros, sempre se mostrando ressentido com o sucesso alheio. Finalmente, retirou-se, deixando o médico espantado. Saiu muito contente de si, alegre, mas bastou entrar na carruagem para ser tomado por “uma sensação estranha e desagradável”, diz o narrador. E pensou: “Este medicastro é um imbecil!” Outra forma de perturbação no tema do ‘duplo’ é a elevação do sentimento de autoconsideração que, segundo Freud, é uma regressão a um período em que o ego não se distinguia do mundo externo e de outras pessoas.

Nesse início de romance, já temos de sobra índices de que algo muito grave poderá ocorrer ao senhor Goliádkin. O seu comportamento estranho apontado inúmeras vezes pelo narrador não deixa dúvidas de que estamos diante de um paranoico, com mania de perseguição, e de alguém que mistura realidade e fantasia num quadro que poderá se encaminhar para a psicose.

O comportamento estranho de Goliádkin continua. Passa o dia todo fazendo coisas sem sentido. Estava muito agitado. “Não tem noção do que está fazendo”, diz o narrador. É barrado no jantar na casa do chefe para o qual não fora convidado; insiste que sim, que fora convidado. Faz um papelão discutindo com o criado da casa. Fica sozinho na porta, sentindo-se assombrado. Sai à rua e está convencido de que em todas as janelas há gente que o espreita. Sempre perturbado, volta para sua casa, mas, muda de ideia, e resolve voltar à festa. “Sentia-se o pior possível. Dentro de si tudo era um caos. Andou muito tempo de um lado para o outro, perturbadíssimo.”, diz o narrador. Essa ‘compulsão à repetição’ também caracteriza o estranho, segundo Freud.

Goliádkin resolve então voltar para o baile, para o qual não fora convidado, repetimos, na casa do chefe da repartição, cuja filha, a belíssima Klara Olsúfvievna, a amada imaginária, era cortejada pelos rapazes, e era o objeto de desejo

de Goliádkin. Assim, entra pelos fundos, não sem antes esperar três horas na porta de serviço, no frio, até perceber que poderá entrar sem ser notado. Entra, faz confusão, empurra um e outro no salão, faz todo tipo de trapalhada, causando um silêncio, só quebrado quando o dono da casa diz que ele deveria ter vergonha, que não fora convidado para o aniversário da filha. Repellido por todos, cambaleia. Depois, senta-se num canto, “sente qualquer coisa de estranho e desagradável”, diz o narrador. Olhou para a sala e percebeu que todos tinham os olhos nele. Está pálido, extenuado, mas ainda assim atreve-se a dançar com Klara. Mas cambaleia, é retirado, expulso da casa, jogado literalmente na rua. À meia-noite estava no cais do Fontanka fugindo dos seus inimigos e perseguidores, literalmente aniquilado. Era uma noite medonha de frio, vento, neve e escuridão. Não havia viva alma nas ruas...

A neve, a chuva, toda a agitação difícil de exprimir, da tempestade prestes a desencadear-se no céu de novembro de São Petersburgo, perseguem o senhor Goliádkin, já tão acabrunhado com os seus próprios desgostos. Não lhe deixaram um instante de repouso, trespassam-no até os ossos, enevoam-lhe os olhos, assobiam-lhe ao rosto, fazem-no sair do passeio. Todos os elementos se unem contra o senhor Goliádkin como se estivessem de acordo com os seus inimigos, a fim de que tivesse um dia e uma noite de amargura.

Mas, nessa noite de tantas desditas e insucessos, nada o abalou tanto quanto ter sido expulso da casa daquele a quem considerava um pai: *Olsuf Ivánovitch, meu benfeitor, desde minha remota idade, que em certo sentido substituiu o meu pai, ia-me vedar a entrada em sua casa num momento de alegria familiar e solene para seu coração de pai.*

Esse choque, essa profunda decepção é que vai, segundo a psicanálise, desencadear a psicose do senhor Goliádkin, como veremos adiante.

Assim, perturbado, fraco, querendo fugir dos inimigos e de si mesmo, correndo como um louco, chega ao Fontanka e apoia-se na murada. Nesse momento, julga ver alguém se apoiando também na murada a seu lado. Estaria sonhando? O sujeito estava vestido como ele e caminhava apressado pelo cais. Deu-se conta de que já o conhecia, que sabia o seu nome. Deu um grito de terror. Refeito um pouco do espanto, correu para casa. Faltava-lhe a respiração. Perdeu até as galochas. Não percebeu que atravessara a cidade quase toda:

Sentia-se como alguém que está suspenso sobre um abismo e vê a terra a esboroar-se a

seus pés. Ainda há pouco a terra tremia. Agora ela move mais uma vez, fende-se e arrasta-o para a morte. Ele, desgraçado, não tem força nem presença de espírito para recuar, nem sequer mesmo para despregar os olhos do abismo escancarado. Este o atrai e ele se precipita, abreviando por iniciativa própria o momento da sua perdição.

Teve certeza de que encontraria o desconhecido novamente, e, o mais estranho, segundo o narrador, é que desejava esse encontro. Chegou a casa e encontrou o sujeito, que chegara antes dele. O desconhecido entrou com a ligeireza de quem conhecia bem o lugar. Pietruchka abriu a porta e deixou-o passar, seguido pelo senhor Goliádkin. Fora se si, Goliádkin sentou-se na sua cama, o que fez também o desconhecido. Então,

*O senhor Goliádkin quis gritar, protestar, mas não pôde, não teve forças. Os cabelos puseram-se-lhe em pé. Sentou-se apavorado, perdeu os sentidos.*

*E tinha razão para isso. O senhor Goliádkin acabava de reconhecer o seu amigo noturno. Este não era outro senão ele próprio, senhor Goliádkin, um outro senhor Goliádkin, absolutamente igual a ele e em tudo seu sócia...*

Esse sócia, em tudo perfeito, do senhor Goliádkin, remete-nos agora ao mito de Narciso, ou seja, à imagem no espelho, associado ao que Freud chamou de ‘ego’, instância psíquica do sujeito que se embriaga de amor por si mesmo.

É curioso como o narrador prepara cuidadosamente o leitor para o encontro do senhor Goliádkin com o seu duplo, encontro que, não por coincidência, se dará à beira do lago, como ocorre na lenda de Narciso. Nesses cinco primeiros capítulos, temos um dia inteirinho na vida do nosso herói, desde o momento em que acorda e leva dois minutos para ter certeza de que está acordado, até a sua volta tarde da noite ao quarto de dormir. Aí, fecha-se o círculo desse dia de caos e de cão. Saiu um, voltaram dois do mesmo; saiu um na claridade, voltaram dois na escuridão da madrugada. Foi, portanto, uma viagem da luz à sombra. Assim, numa outra especulação, poderíamos dizer com Jung que o duplo era, sim, a sua sombra, o lado escuro da psique, que contém os sentimentos mais primitivos, escondidos, que a mente rejeita. O lado escuro da Lua. Psiquicamente, a viagem foi do si ao si mesmo, do consciente ao inconsciente, no sentido freudiano. Como diz Clarice Lispector em *Água viva*, “E andar na escuridão completa à procura de nós mesmos é o que fazemos.”

Se quisesse, o autor poderia ter parado aí, nesses cinco capítulos, e teríamos já uma excelente novela. Mas o jovem Dostoiévski, que tinha fôlego e imaginação grandiosos, o que veio a demonstrar

posteriormente em suas obras máximas como *Crime e castigo*, *O idiota* e *Os irmãos Karamázov*, continuou a contar a história desse homem duplicado.

Abrimos aqui um parêntese, para fazer uma observação. Desde que o senhor Goliádkin sai de casa para um passeio, na verdade uma aventura, acompanhado do servo Pietruchka, e ambos entram no coche, e o servo está sempre a fazer reparos às atitudes do amo, pensamos na dupla Dom Quixote e Sancho Pança. Essa semelhança pode estar na “derme” do texto de Dostoiévski, pois o livro de Cervantes foi o que ele mais amou. Sem contar a amada imaginária que mencionamos acima, Klara Olsúfievna. E para referendar essa observação, o biógrafo Joseph Frank nos conta que, na década de 1840, Dostoiévski foi ridicularizado por Turguêniev, que escreveu um poema sarcástico sobre ele, denominado “O cavaleiro da triste figura”, que foi declamado em toda a São Petersburgo. Veremos que os traços biográficos de Dostoiévski estão presentes em muitas de suas obras, mostrando o seu temperamento nervoso, sensível em excesso e impressionável. “Quanto maior o artista, tanto maior o transtorno”, disse Eric Bentley.

## MÓRBIDA SEMELHANÇA

**Mas, voltando à narrativa, o pesadelo do senhor Goliádkin só estava começando, pois, já nos dias seguintes, o seu duplo “o seu terror, a sua vergonha, o pesadelo da véspera” estará sentado à sua frente como colega de trabalho na repartição. Teve calafrios. Mas há aqui um elemento kafkiano: ninguém na repartição se espanta com os dois homens idênticos. Não contente de se apossar da casa do senhor Goliádkin, o duplo, chamado agora de senhor Goliádkin Júnior, apossa-se dos papéis, do trabalho do senhor Goliádkin Sênior, assim chamado, e o ridiculariza perante os colegas, prega-lhe peças no restaurante, faz todo tipo de atrocidade com ele.**

O interessante é que o senhor Goliádkin ressignifica a situação e pensa em irmãos gêmeos idênticos “como duas gotas d’água”, em irmãos siameses. Mas tem pesadelos, revelando a ambivalência dos seus sentimentos, amor e ódio simultâneos. Há, portanto, um movimento pendular entre a atitude passiva e ativa: ora comandado, ora no comando.

Mas o senhor Goliádkin sempre encontra forças para lutar contra o impostor, o seu duplo. Recarrega as baterias, pois a derrota torna-se para ele combustível para uma nova luta, assim como Dom Quixote e seus moinhos de vento. “Sentia um prazer, que era quase voluptuosidade em arrancar

as suas próprias feridas”, diz o narrador, mostrando o seu masoquismo. Perturbado, dormindo mal, vive dias e noites de pesadelo durante quatro dias, vendo o seu duplo em todos os lugares, multiplicado, perseguindo-o como um bando de patos, absolutamente iguais. Chegou a desafiá-lo para um duelo!

Perguntamo-nos: por que os colegas de repartição e o servo Pietruchka não se espantam com a mórbida semelhança entre os dois? Estariam vendo o duplo, ou só Goliádkin o via? Seria alucinação? Chegou mesmo a pensar que algum feiticeiro havia feito um sortilégio a toda a gente. Perguntamos ainda: se só o senhor Goliádkin via o seu duplo, que tipo de fenômeno ou patologia o acometia?

Para respondermos, especialmente a essa última pergunta, é preciso voltarmos à cena em que o senhor Goliádkin foi posto porta afora, jogado pelas escadas, ficando caído e sozinho, entre lágrimas, no meio da rua.

## O NOME-DO-PAI

**Para Freud, “as características relevantes na origem da paranoia, particularmente entre os indivíduos do sexo masculino, são as humilhações e desconsiderações sociais.” E essa humilhação foi insuportável para Goliádkin porque aconteceu na casa daquele a quem considerava um pai. Para Freud, a fixação na imagem paterna, (conteúdo inconsciente, na fase pré-edipiana), será responsável pelo sentimento de gratidão e admiração pelo pai. Assim, Goliádkin pelo chefe. Há também uma identificação, pois o pai é internalizado como o Ideal do ego. Para Lacan, o pai representa a Lei na ordem simbólica. Muito mais que a figura paterna, o nome, a função paterna é que importa, pois é instância protetora. Psicicamente protetora. A falta dessa metáfora, desse nome-do-pai, é que desencadeia a psicose. A psicose se dá pela forclusão do nome-do-pai, segundo Lacan. Assim, o senhor Goliádkin, sucumbiu à sua falta original. Faltou a ele no momento em que desejava ser incluído, aceito pelo “pai”, ser admitido numa ordem social e simbólica, ele foi rejeitado, *foraclusão*, na expressão de Lacan.**

Nessa obra, Dostoiévski abre fendas na psique para ver o que há dentro. Ao dividir o personagem em dois, revelou talvez, dois desejos: o de aceitação pela alta sociedade, como aconteceu com Goliádkin, e o de crítica à impostura dos que perderam o amor-próprio, tema que lhe era caro, segundo o biógrafo Joseph Frank. Essa obra revela ainda a duplicidade de Dostoiévski em ver

a autoridade como o Ideal do ego, o superego, segundo Freud, e também o seu contrário, o de ver o indivíduo esmagado por essa mesma autoridade, fato comum na Rússia dos czares. A vitória do jovem Goliádkin sobre o senhor Goliádkin nos diz muito, do ponto de vista político-ideológico, sobre a vitória do indivíduo que se beneficia da bajulação dos poderosos; e, do ponto de vista psicanalítico, sobre o desejo narcísico do ego de imortalidade, como já mencionamos. E essas personagens divididas seriam apenas o começo das grandes personalidades divididas de Dostoiévski, a exemplo de Raskólnikov e Ivan Karamázov, e ainda de várias personagens de contos, em que ele atribui tão somente ao indivíduo a culpa por suas anomalias e não à forte pressão social, deixando o leitor refletir sobre a questão, como diz Frank.

Mas, não poderíamos encerrar sem falar do momento culminante de nossa história: aquele em que Goliádkin Júnior beija o rosto de Goliádkin Sênior. Após muitas peripécias, durante os quatro dias da narrativa, o nosso Goliádkin, vê-se novamente, à noite, em frente à casa do ministro, seu chefe, aquele a quem considerava seu pai. A casa estava cheia de gente, e todos acenavam

das janelas para ele, chamando-o para subir. Quis esquivar-se, mas não conseguiu: foi levado pelo malandro do sócia à presença do ministro. Em meio a grande comoção, perdeu os sentidos. Voltou a si e viu-se cercado por todos. Aí aconteceu o grande momento: todos em círculo, em volta dos duplos, viram o beijo de Judas. Goliádkin Júnior deu um beijo sonoro e pérfido no rosto de Goliádkin Sênior. E, julgando ver uma multidão de Goliádkins, o senhor Goliádkin é retirado de lá pelo seu velho conhecido, o médico Krestian, que o levará, não sem antes ser empurrado pelo seu duplo covarde para dentro da carruagem...

Neste ano de 2019, prestamos aqui a nossa homenagem pelos 80 anos da morte de Freud, aos 83 anos de idade, e de Otto Rank, aos 55, ambos mestres da Psicanálise, cujas mentes brilhantes continuam a nos iluminar com seus estudos e descobertas sobre o enigma, que é a mente humana. E ao grande Dostoiévski, que não gostava de sorrir – pois dizia que não combinava com ele – e que escreveu as páginas mais pungentes da literatura sobre o sofrimento humano e sobre a alma sofredora russa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. *O outro*. In: *O livro de areia*. Obras Completas. Trad. Lígia Morrone Averbuck. São Paulo: Ed. Globo, 2000. Vol. 3.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O duplo*. Obra Completa. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1995, vol.1.

FREUD, Sigmund. *O estranho* [1919]. In: \_\_\_\_\_. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1886. Vol. XVII.

LACAN, Jacques. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles; revisão técnica, Vera Lopes Besset. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Seminário*. Livro 3: as psicoses. 1955-1956/Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão brasileira de Aluísio Menezes]. 2 Ed. revista. - Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

POE, Edgar Allan. "William Wilson" in *Ficção Completa - Contos de Terror, Mistério e Morte*.

PLATÃO, 427-347 a.C. *O banquete*. Trad. Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.